

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

**INFLUÊNCIA AFRICANA NA ORALIDADE DE UM
AFRODESCENDENTE DA COMUNIDADE QUILOMBOLA TIA EVA**

Campo Grande, MS

NOVEMBRO/2018

**INFLUÊNCIA AFRICANA NA ORALIDADE DE UM AFRODESCENDENTE DA
COMUNIDADE QUILOMBOLA TIA EVA**

NATALÍCIA DA SILVA RAMOS

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras Português – Inglês e suas Literaturas, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras Português – Inglês e suas Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Sônia Fíliu
Albuquerque Lima

Campo Grande, MS

NOVEMBRO/2018

INFLUÊNCIA AFRICANA NA ORALIDADE DE UM AFRODESCENDENTE DA COMUNIDADE QUILOMBOLA TIA EVA

Natalícia da Silva Ramos
Sônia Filiú Albuquerque Lima

RESUMO

O presente trabalho de Conclusão de Curso apresenta o relato de pesquisa pelo curso de Licenciatura em Letras, habilitação Língua Portuguesa e Inglês e suas literaturas da unidade de Campo Grande da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. A pesquisa teve como objetivo verificar a influência das línguas africanas no Português coloquial observada em um afro-descendente da comunidade Tia Eva em Campo Grande, MS. O texto contextualiza na história o encontro e influências das línguas africanas e as principais influências dessas línguas no Português Brasileiro encontradas em Mendonça (2012), Pessoa de Castro (1983), Aragão (2011) e Bagno (1999); O trabalho elenca e classifica essas influências africanas observadas no Português coloquial de um afro-descendente da comunidade quilombola Tia Eva em Campo Grande/MS e discute as questões sociolinguísticas em torno do lugar que essas influências ocupam no Português do Brasil. Destaca-se ainda a contribuição e herança africana em nossa cultura e língua e discute-se questões como a dívida social com os negros no Brasil e o racismo ainda presente e muitas vezes velado, contribuindo para a desconstrução. Acreditamos que tal desconstrução parte da discussão sobre o lugar social que as influências africanas ocupam na língua falada e na cultura brasileira e as relações de poder que demarcam tal lugar.

Palavras-chave: Sociolinguística. Línguas africanas. Português do Brasil. Preconceito linguístico.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país cuja cultura resulta da mistura de diversos povos entre eles os que mais se destacam são os indígenas, portugueses e africanos, estes últimos trazidos para cá sob a condição de mão de obra escrava. Sabemos que cada um dos povos citados acima possuía sua própria língua materna e que a mistura desses povos contribuiu para a formação da língua portuguesa falada no Brasil. O presente artigo identifica a presença da influência das línguas africanas nos aspectos fonético-fonológicas na língua portuguesa falada por um morador da comunidade negra Tia Eva em Campo Grande /MS.

Após a abolição da escravatura, no ano de 1888, muitos ex-escravos migraram para a região onde hoje é o estado de Mato Grosso do Sul e trouxeram sua influência cultural, incluindo a influência das línguas africanas no Português que aprenderam. É o caso da ex-escrava Eva Maria de Jesus que vinda de Goiás para Campo Grande, onde se estabeleceu e deu origem, através de seus descendentes, à comunidade quilombola Tia Eva em Campo Grande/ MS (MORAES, 2003). Diante do fato de descendentes de um ex-escravo analisamos sua fala e identificamos as influências das línguas africanas, tendo como ponto de partida as principais influências africanas no que se refere aos aspectos fonéticos e fonológicos elencados por Mendonça (2012), Pessoa de Castro (1983) e Aragão (2011). Nesta pesquisa, foi tomado como *corpus* de análise, um pronunciamento de um bisneto da Tia Eva, morador da comunidade do mesmo nome. Tal pronunciamento revela em sua forma coloquial uma fala representativa que contém algumas das influências das línguas africanas elencadas por Mendonça (2012) e Pessoa de Castro (1983, 2015).

Os africanos contribuíram em vários aspectos da nossa cultura na alimentação, nas danças e nas religiões. E com o português não foi diferente, pois temos registrado por meio de pesquisas e da literatura, a riqueza da influência africana fonético-fonológica e morfossintática em nossa Língua Portuguesa Brasileira, principalmente na língua coloquial. Tendo em vista as questões acima colocadas, realizamos um breve levantamento das línguas africanas originárias vindas para o Brasil com a escravidão. Contextualizamos o encontro e influências das línguas africanas. Descrevemos as principais influências das línguas africanas no Português Brasileiro, encontradas em Mendonça (2012) e Pessoa de Castro (1983, 2015). Elencamos e classificamos essas influências africanas observadas no Português coloquial do afrodescendente citado, da comunidade quilombola Tia Eva em Campo Grande, MS. Discutimos as questões sociolinguísticas em torno do lugar que essas influências ocupam no Português do Brasil.

Espera-se também que este estudo seja mais uma contribuição para a discussão das questões do preconceito linguístico (BAGNO, 1999) envolvidas no lugar social do negro no Brasil, bem como do lugar social que essas influências ocupam na Língua Portuguesa Brasileira, contribuindo para a desconstrução do preconceito racial em relação ao negro e sua herança africana em nossa cultura. Tais preconceitos e dificuldades de aceitação das influências estão relacionadas às

características como o analfabetismo, baixa escolarização, fatores negativos como a exclusão cultural e a negligência dos incluídos. Aceitar ou admitir as alterações seria consagrar os frutos da ignorância, a nivelar o idioma por baixo, a degradá-lo e retroceder. E tal dilema serve-se da indiferença ética, um amoralismo, o que tornaria comum o desejável e o indesejável, entre o louvável e o censurável, entre o bom e o mau, situações que permeia a Língua Portuguesa Brasileira.

Apontaremos a ocorrência dos metaplasmos, que de acordo com Coutinho (1976, p. 142) são modificações fonéticas sofridas pelas palavras no processo de evolução onde cada geração a transforma de modo inconsciente. Coutinho afirma:

As modificações das palavras provêm dos meios precários que nos levam ao conhecimento de um idioma: a imperfeição das imagens auditivas e a incapacidade de reproduzir, com fidelidade, os sons ouvidos. Não se pode representar a transmissão da linguagem por um todo contínuo, uma reta por exemplo, em que o indivíduo que fala e o que ouve ocupem as extremidades. Antes, o que se observa é uma completa descontinuidade nessa transmissão, devendo, por isso, cada geração que surge, fazer as mesmas tentativas que as anteriores, para a posse da linguagem. (COUTINHO, 1976, p. 135).

Os meios precários seriam a reprodução da língua pelo que se ouve apenas, o que permite que detalhes importantes escape ao ouvinte, o que dá lugar as modificações, que ocorrem coletivamente pela ação do sistema linguístico e pelas características do meio físico e social. O ouvinte irá articular a palavra que ouviu de modo mais fácil e confortável ao seu aparelho fonador, o que sugere a queda e modificações de fonemas, essa é a Lei de menor esforço apontada por Coutinho (1976, p.13). Este fato foi importante para identificarmos as influências africanas na oralidade da Língua Portuguesa.

1. A CHEGADA DOS NEGROS AO BRASIL

Como já sabemos, o Brasil originou-se de uma colônia portuguesa implantada neste território a partir do ano de 1500. Portugal explorava essas terras nas formas de plantios e minas cujos produtos eram enviados para Europa para enriquecer o colonizador. Desta forma, se fazia necessária mão de obra escrava, para isso, os colonizadores aprisionaram os índios que aqui habitavam e os obrigaram ao trabalho escravo. No entanto, os índios conheciam bem a região, conhecimento propício às fugas. Surge então o negro como opção de mão de obra escrava.

Para falarmos sobre as influências da língua africana no Português, é importante saber como esses povos vieram parar aqui, de que regiões vieram e qual era a língua falada por eles. Podemos começar pelo processo de escravidão, que se iniciou em 1441 em Portugal por Antão Gonçalves ao trocar dois mouros por dez negros na costa da África. A partir deste fato, começou a surgir companhias para essa finalidade e com a descoberta do Brasil remessas humanas foram destinadas para cá (MENDONÇA, 2012).

Quanto aos dados estatísticos de entrada de povos negros no Brasil não há uma fonte segura, não se sabe exatamente quantos entraram, as quais regiões pertenciam e quais eram suas línguas maternas. Mendonça (2012) aponta que os dados são vagos, uma vez que os documentos comprobatórios do tráfico foram extraviados ou queimados, não havendo registros oficiais. Pessoa de Castro (1983) diz que o motivo do extravio dos documentos oficiais foi econômico e financeiro, que foi feito pelo decreto de Ruy Barbosa, Ministro da Fazenda, em 14 de dezembro de 1890, dois anos após a abolição da escravatura. O que se sabe, ao certo, é que foram três séculos de transporte de negros realizados de forma legal ou de modo clandestino.

Pessoa de Castro (1983) afirma que durante esses três séculos de importação humana, em torno de quatro a cinco milhões de falantes africanos adentraram terras brasileiras e que no censo de 1823 havia uma proporção de 75% de negros e mestiços entre o total da população, ou seja, a quantidade de pessoas falando outra língua que não o português europeu era bem maior. Lembrando que esses povos tinham sua língua própria, Bantu ou Sudanesa, assim como sua cultura, e o português lhes foi imposto em uma situação de substrato, que é quando o povo abandona a sua própria língua e adere à língua que lhe é imposta, portanto os escravos africanos tiveram que aprender a nova língua subitamente e de ouvir, sem a necessária preparação, a simplifica de forma brusca e extrema (aloglotas). Este fato contribuiu para torná-la mais variada e expressiva, porém, mais arcaizante. Essa última característica é muito presente na zona rural, por ser naturalmente conservadora e pelos fatores históricos e também na fala de pessoas com pouca ou nenhuma escolarização ou de classe média modesta, de acordo com Pessoa de Castro (1983).

Mas os dados estatísticos não são tudo, outro aspecto relevante é destacar de quais regiões africanas vieram esses povos ou a sua maioria. Quais eram suas línguas? Sobre isso trataremos a seguir.

1.1 De onde vieram, quem eram e quais eram suas línguas

O continente africano é muito extenso como muitos países e povos. Quando se trata de povos escravizados, a referência que se faz, geralmente, é que são africanos, não se especificando o país, nem a região. Mas de onde vieram? De acordo com Pessoa de Castro (2015), esses povos foram trazidos de duas regiões da África Subsaariana. Uma dessas regiões é a Bantu que conta com um grupo de 300 línguas, que são semelhantes e faladas em 21 países da África. Mas, as que mais se destacaram no Brasil Colônia foram a Quimbundo, Umbundo e Quicongo. O Quimbundo é oriundo da região central da Angola, já o Quicongo é da República do Congo e a Umbundo pertence ao sul de Angola entre outros países. Essas três línguas são chamadas pelos estudiosos de língua Bantu. A língua Bantu é considerada a mais antiga no Brasil e sua contribuição está ligada à escravidão e veio a integrar o sistema linguístico português com palavras de raiz Bantu, mas que derivaram palavras em Português e, desta forma, substituíram palavras de sentido equivalente, tais como caçulinha, bagunceiro e xodozento (PESSOA DE CASTRO, 2015).

A outra região subsaariana é a Sudanesa, cujas línguas mais destacadas são da família Kwa, faladas no Golfo de Benin. Destas línguas, a principal representante no Brasil foi a língua Ioruba, cujo povo também era chamado de Ioruba ou Nagô, oriundos do sudoeste da Nigéria. A presença do povo Nagô ou Ioruba era tão marcante no Brasil Colônia, que toda pessoa de origem africana era chamada de Nagô (PESSOA DE CASTRO, 2015).

Outra língua que representou a língua Sudanesa foi a Ewe-fon, os povos falantes dessa língua no Brasil eram chamados de Jejes ou Minas. Encontram-se línguas parecidas com Ewe-fon em Gana, Togo e Benin. Os Ewe-fon foram trazidos ao Brasil e destinados às minas e plantações. A concentração desse povo aumentou consideravelmente nesses locais, ou seja, um grande contingente de pessoas falando a mesma língua ou língua muito semelhante facilitava revoltas e fugas.

Este fato fez com que Antonio da Costa Peixoto publicasse em 1945 um documento linguístico intitulado de “A obra nova da língua geral de mina”. O principal objetivo desta obra era orientar mineiros sobre palavras e expressões da língua Ewe-fon, para que assim pudessem frustrar novas rebeliões (Pessoa, 2015). Assim, os povos africanos que foram trazidos ao Brasil no período de colonização para o trabalhos escravos foram os bantus, iorubas/nagôs e os jejes e minas (Ewe-fon). A língua que trouxeram consigo foram o Quimbundo, Quicongo, Umbundo, Ioruba e Ewe-fon. E vieram das regiões Bantu e Sudanesa, ambas de regiões subsaarianas e países como Angola, República do Congo, Benin, Golfo de Benin, Nigéria, entre outros. Após identificarmos os povos, regiões e países de origem e suas línguas, apontaremos algumas características dessas línguas.

1.2 Características das línguas africanas que aportaram no Brasil

Ainda de acordo com Pessoa de Castro (2015), uma das principais características das línguas citadas acima é a origem na família linguística Níger-Congo, se tornando próximas apesar de algumas diferenças apresentadas entre elas. A seguir vamos pontuar algumas características do Bantu, Ioruba e Ewe-fon.

A língua Bantu ou como determinado no Brasil de Congo-angola (Quimbundo, Umbundo e Quicongo) tem como principal característica a utilização do prefixo para classificar ou apontar plural e singular, gênero feminino e masculino, classe de seres animados e inanimados, utiliza pares ordenados para dar sentido a um mesmo nome, como no exemplo dado por Pessoa de Castro (2015) destinados para apontar a classe de seres humanos e varia conforme o plural, *ba.ntu* e *mu.ntu*. Já o prefixo -*ku* faz o mesmo papel do “*to*” no inglês para apontar que o verbo está no infinitivo e -*ka* para determinar diminutivos. Portanto, será o prefixo que determinará o plural do substantivo, se o verbo está no infinitivo, se é um diminutivo ou ainda a que classe pertence, se de seres animados ou objetos.

Tratando ainda sobre os prefixos e classes, Mendonça (2012) afirma que as divisões do vocabulário consistem em classes distinguidas por afixos formando uma sistematização de palavra por grupo. Assim essas classes, também chamadas de classes nominais, seriam divididas em: seres humanos, plantas, líquidos, nomes

abstratos. O critério relevante para tal classificação seria o elemento material, que seria o prefixo e também o elemento espiritual, o sentido da palavra, como em alguns casos onde o afixo aponta a designação do verbo. Mas Mendonça (2012) afirma também que as línguas africanas tendem a abandonar as classes nominais, o afixo (prefixo ou sufixo, raro mais existente) desaparece ou é incorporado à palavra, só sendo possível a identificação devido a posição da palavra na frase e essa posição passa a ser a função, denominada como uma sintaxe de posição.

Mendonça (2012) nos traz especificamente características do Quimbundo, onde a sua fonética possui as vogais ao lado de semivogais como y e w, que aparecem sempre antes de vogal como *payol*. Não há ditongo, apenas contrações vocálicas que se aproximam deste. E as línguas Bantu sempre terminam em vogal, o que aproxima com o Português, facilitando a assimilação. Já no caso das consoantes, são simples e as mais usadas são: b, f, j, p, h, k, l, m, n, ñ, r, s, t, v, x, z, e os grupos consonânticos são formados na maioria por nasal + consoante, que são as nasaladas (mb – mbirimbau), neste caso se há uma vogal que antecede, esta não é nasalada e sim a consonância como no caso “ambata”, que a pronuncia seria a.mbata. O r sempre acompanhado do i, e é pronunciado de maneira suave ou branda como diz o autor.

Já nas línguas Sudanesa representada pelo loruba/nagô e Ewe-fon, a principal característica do loruba é ser uma língua única, já o Ewe-fon é um conjunto de línguas próximas em suas semelhanças. No que diz respeito as línguas sudanesas, não foram registradas muitas informações sobre suas características, a não ser que os seus representantes no Brasil vieram posteriormente aos bantos e eram em minoria, por isso os seus falares se limitaram à religião, que mais tarde tornou-se objeto de estudo levando estudiosos a interpretar qualquer linguagem africana como sendo loruba. Esses povos eram islâmicos e lideraram algumas revoltas na década de XIX, como citado por Pessoa de Castro (2015). Mas essas revoltas foram propícias pelo motivo de estarem concentradas em um mesmo lugar, falantes de uma mesma língua, como já dissemos acima.

Ainda segundo Pessoa de Castro (2015), uma característica do loruba que se assemelha ao Bantu é a omissão de consoantes que finalizam certas palavras e a transformam em vogal, pois suas palavras nunca terminam em consoantes, como por exemplo: “fulô” (flor).

Para as línguas Sudanesas a entonação ou tonalidade musical é muito importante, principalmente para a língua Ioruba, devido à maioria de seu vocábulo ser constituído de monossílabas, uma consoante e uma vogal, onde o sentido é determinado pela tonalidade musical, onde o tom pode expressar afirmação, aumentativo, plural negação, entre outros (MENDONÇA, 2012).

Podemos afirmar ainda que, de acordo com Mendonça (2012), as línguas Sudanesas e Bantu coincidem nas características gerais. Assim, em ambas as línguas, no que diz respeito aos verbos, existem três aspectos: “aoristo” ação por acabar, o “perfeito” que aponta realização completa e o que Mendonça (2012) aponta como “injuntivo” ação que se realiza a partir de outra ação, equivale ao imperativo, subjuntivo e optativo da nossa língua.

Assim, podemos concluir que as influências mais presentes em nossa Língua Portuguesa brasileira vieram da língua africana Bantu, sendo as influências recebidas das línguas Sudanesas, em menor teor.

1.3 Protagonista da história

O fato do negro banto ser mais antigo em terras brasileiras e ser maior em volume populacional e desta forma atingir uma amplitude territorial maior no Brasil Colônia, tornou-se um principal agente transformador e difusor da língua portuguesa em um regime colonial e escravista (PESSOA DE CASTRO, 2015).

O contato do negro africano com a Língua Portuguesa europeia antiga, influenciou a língua portuguesa com a participação de falantes africanos na construção da nova língua falada no Brasil. Assim o “negro-africano torna-se o personagem falante no desenrolar dos acontecimentos” (PESSOA DE CASTRO, 2015) levando em consideração fatos socioeconômico e de natureza linguística.

Outro fato importante citado por Pessoa de Castro (2015) é a quantidade de negro-africano ser superior aos demais habitantes do Brasil e ainda por estarem presentes tanto nas relações de trabalhos como na convivência diária como no caso das chamadas mães-pretas, mulheres negras que cuidavam das casas e das crianças dos seus senhores. Assim elas deram importantes contribuições para a constituição da “língua geral”, e a mesma pesquisadora esclarece essa contribuição

não deve ser confundida com uma suposta persistência dos falares tupis na sociedade europeia do meio americano.

Ao ser imposta a língua portuguesa ao negro-africano este acabou adaptando-se a ela contribuindo com algumas características de sua língua mãe. O que acontecia normalmente era a utilização da língua materna do negro apenas em rituais religiosos, o que ficou conhecido como língua de santo ou com falares especiais característicos de comunidades negras isoladas.

A colônia portuguesa instalada isoladamente no Brasil permitiu a abertura de trocas culturais mútuas e de interesses comuns. Assim surgiu o “ladino”, um indivíduo frequentador de diferentes meios, tanto a senzala como a casa grande, fato que lhe exigia se adaptar tanto na comunicação como socialização para lidar com o falante da língua africana e com o falante da língua portuguesa. Portanto, de acordo com Pessoa de Castro (2015), os “ladinos” eram aqueles que logo cedo aprendiam a falar português e podiam participar de duas comunidades sociolinguisticamente diferenciadas, e assim o ladino se torna um intermediador falando com grande números de ouvintes, e exerceu o papel de protagonista na difusão os fenômenos linguísticos, ocupando cargos de confianças como guardas pessoais e capitães do mato.

Outra personagem importante, como foi dito, foi a mulher negra presente no seio da família colonial, exercendo a função de “mãe-preta”. Ela influenciou o ambiente doméstico por meio da socialização linguística e de mecanismos de natureza psicossocial e dinâmica. Podemos apontar a palavra “caçula”, do léxico Banto, palavra muito conhecida e usada por todos os brasileiros para dizer “filho mais jovem”, que possivelmente pode ter sido disseminada pela influência sociolinguística da mulher negra no desempenho de “mãe-preta” na intimidade da família colonial (PESSOA DE CASTRO, 1990).

2. PORTUGUÊS AFRICANIZADO OU AFRICANO APORTUGUESADO?

Acima apontamos como os negros chegaram ao Brasil, de que região vieram, quais eram suas línguas e suas características, levando em consideração que não eram povos como um papel em branco, pois possuíam uma cultura e sua própria

língua que devido a escravidão foram obrigados a aderir à língua do explorador, o Português europeu.

Como nos aponta Pessoa de Castro (2015), houve fatores que facilitaram a africanização do português ou aportuguesamento do africano, um desses fatores foi a estrutura silábica formada pelo par de consoante e vogal – CV, devido à língua africana não possuir encontros consonantais, e também o sistema de vogais orais: a, e, ê, i, o, u que permitiu a continuidade do português europeu na modalidade brasileira, como por exemplo a palavra *payol*. Outro fato relevante é a omissão da consoante final em certas palavras, que são transformadas em vogal como podemos observar na fala do brasileiro, a palavra fazer – “fazê”, sendo esta uma característica do Bantu e Ioruba.

Como resultado da influência das línguas africanas no Português do Brasil, ou o Português africanizado, temos os **metaplasmos** que, de acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001) e o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2004) definem, respectivamente, metaplasmo na rubrica retórica como um desvio da correta composição fonética da palavra, assim aceita em face da métrica e do ornamento; e na rubrica linguística como a designação comum a todas as figuras que acrescentam, suprimem, permutam ou transpõem fonemas nas palavras. Para Coutinho (1976, p. 142) metaplasmos são:

Modificações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução.
Os fonemas constituem o material sonoro da língua. Este material está, como tudo o mais, sujeito à lei fatal das transformações.
Não é mister ascender ao latim para mostrar que grande foi a evolução das palavras portuguesas veiculadas pelo povo.
No próprio idioma se deparam essas modificações, quando comparamos vozes de épocas distanciadas. (COUTINHO, 1976, p. 142)

Ainda vale ressaltar que as modificações fonéticas ocorrem de acordo com cada geração que as alteram de forma inconsciente e segundo suas tendências e que essas alterações se tornam sensíveis depois de um certo tempo, de acordo com Coutinho (1976, p.142).

A seguir apresentamos um quadro-sumário de alguns metaplasmos resultantes da influência das línguas africanas no Português do Brasil, especialmente quanto aos mais importantes aspectos fonético-fonológicos, de acordo com Aragão (2011), citados também por Pessoa de Castro (1983) e Mendonça (2012).

1. Influências africanas nos aspectos fonéticos da Língua Portuguesa

Nome	Explicação	Exemplo
lotização	Substituição do lh por i, y	Colher – [kuj'ε]. Espalhar – espaiaá
Monotongação	Abreviação de duas vogais em uma.	“caixa” [‘kaSa]; “deixar” [‘deSah]
Ditongação	Surge a vogal i	“ três” [‘tRejs]; “mês” [‘mejs]
Apócope	Ocultação do l, r, e s finais	“sal” [‘as]; “casar” [13A‘za]; “costas” [‘k†Sta]
Aférese	Abreviação da palavra desaparecendo a primeira sílaba	Esta – [ta]; estava – [tava]
Síncope do d no grupo nd	O fonema D desaparece	Passando [passano]
Perda da nasalização Final	O fonema final é omitido	Comeram – [ku‘meru]; estavam – [iS’tava]
Rotacismo	O l pronunciado com som de r	Falsidade – farsidade
Supressão da marca redundante de plural*	O artigo aponta o plural e o substantivo no singular	As menina

(Fonte: ARAGÃO, 2011)

Devemos considerar ainda que o próprio português brasileiro é um conceito coletivo que sofre desdobramentos em níveis dependendo da ocasião, regiões e classes sociais. O mesmo ocorre com os aportes africanos que variam de acordo com os níveis de linguagem socioculturais, e que a aceitação ou resistência a essa influência é de ordem sociocultural e que o grau de mestiçagem linguística coincide com a mestiçagem biológica, mas não de modo absoluto.

A seguir, serão apresentadas e analisadas algumas dessas influências percebidas na fala de um morador da comunidade Tia Eva.

3. BREVE HISTÓRICO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA TIA EVA

Em Campo Grande existe uma comunidade quilombola urbana denominada Comunidade de Tia Eva ou também conhecida como Comunidade São Benedito. Tal comunidade foi fundada por uma ex-escrava cujo nome, Eva Maria de Jesus, lhe foi atribuído.

Na década de 1830, as minas de ouro da província de Goiás decaem, ocasionando o aparecimento de outra economia, a agropastoril na região sul da província. A margem do rio Claro, a família Vilela construiu a sua fazenda Ariranha utilizando-se da mão de obra escrava (SANTOS, 2012).

Tia Eva nasceu na fazenda Ariranha, propriedade de José Manoel Vilela, no ano de 1848. Nascida escrava, foi preparada desde cedo para os afazeres domésticos e desempenhar várias funções na casa-sede da fazenda. E segundo Santos (2012) que cita o depoimento do neto de Tia Eva, Waldemar Bento Arruda, onde ele diz que sua avó assumiu serviços na cozinha e produzia diversos doces.

Tia Eva alimentava um sonho de liberdade, de possuir uma terra que fosse dos negros e que esses pudessem trabalhar e cuidar de suas famílias. Passou a ficar conhecida como benzedeira, e gerando uma clientela garantiu um espaço social nas localidades. Em 1904 Tia Eva inicia os preparativos para a viagem para Campo Grande, o transporte foi feito por carros de boi e no trajeto tinham que parar para fazer roças para se alimentarem. Tia Eva com a imagem de São Benedito guiava o povo em direção a essa terra e no caminho faz uma promessa ao santo de sua devoção que se curasse a ferida da perna, no local de sua moradia faria uma igreja em homenagem ao santo. Em 1905 chegam a vila Santo Antonio de Campo Grande se instalam em terras sem donos e assim surge a comunidade negra rural Tia Eva (SANTOS, 2012).

4. ORALIDADE DE UM BISNETO DE TIA EVA

Para esta análise linguística, foi utilizado um vídeo/documentário intitulado “Documentário Tia Eva Memória Viva”, veiculado na internet e exibido no ano de 2015 pelo programa TVE Memória 30 anos em homenagem ao Diretor e Cineasta Edson Audi, falecido no mesmo ano, realizado pela Fundação de Cultura de MS em 1994. O vídeo tem duração de 13 minutos e 42 segundos, do qual se retirou para este estudo, a fala de um morador da comunidade, Sérgio A. da Silva – Bisneto de tia Eva. Transcrevemos literalmente a sua fala, mantendo as características da fala oral destacando os elementos que apresentam a influência das línguas africanas, segundo os autores acima apresentados. Somente as palavras destacadas com sublinhado foram selecionadas para análise que está apresentada na sequência. Para facilitar a análise, a fala foi dividida em quatro partes com linhas numeradas.

Parte I

1. Bom, Eva Maria di Jesus, como nós tratamo tia Eva, chego aqui em Campo 2. Grande em 1905 vinda do estado di Goiás com carro de boi e chegano aqui 3. exatamente na cidade de Campo Grande em 1905 vei de lá com três filha, 4. vei pra cá tentar a sorte em (...) Mato Grosso na cidade de Campo Grande 5. dipois que foi liberta escravidão i ela intão chegano aqui vei duente, com 6. uma firida que ela tinha na perna que essa firida já tinha mais de quinze 7. anos, essa firida não sarava, intão foi o momento que ela resorveu fazê 8. uma promessa para São Benedito, intão ela fez uma igrejinha de madera em 9. 1912 e cumeçô a fazê essa festa de São Benedito e 1919 ela dismanchô 10. essa igrejinha de madera e construiu essa de São Benedito que até hoje 11. esta saino essa festa tradicional de São Benedito quale agora em 1994 12. realizamo essa festa. (sic)

Parte II

1. Naquele tempo também intão o cumpromisso da tia Eva era so memo com a 2. parte religiosa, mas a minha mãe conta, que vinha muita gente de fora de a 3. cavalo, com carreta de boi, intão ficava aí amanhecia o dia um oiano para a 4. cara do outro e intão que resorveru fazê baile NE!? Aonde ela conta que 5. teve um ano que num arrumaru instrumento e dança só memo bateno 6. caxote, batia uma hora (?) outra hora mais outro caxote, es manhecia o dia 7. dança, que vinha quelas pessoa de longe sortava boi no pasto, cavalo e 8. dipois ficava cum medo de pegar de noite aqueles cavalo cu medo de cobra, 9. intão por isso resorveru fazê esse baile e esse baile que nois tamo dano 10. continuidade até

hoje porque é, aí tinha também a dança da catira, depois **11.** que, antes, que tinha antes do baile dança da catira que nois **tamo** **12. quereno** dar continuidade dessa catira que era tradição da festa dessa **13.** época. (sic)

Parte III

1. Como era uma pessoa que naquela época, aqui era como um sacerdote **2.** tanta pra **rezá** terço, era ela como também na época aqui pra a **partera** que **3.** tinha aqui pra **atendê** a comunidade era ela e...ela **terminô** tendo assim uma **4.** grande liderança, que as pessoa da sociedade, naquela época, intão viviam **5.** sempre **procurano** a tia Eva. Tia Eva chegou aqui em Campo Grande com **6. suas três filha** e cum um senhor por nome di ti'Adão, minha mãe falava **7.** dessa ti'Adão, esse ti'Adão vei junto cum ela e cum mais **essas três filha,** **8.** agora a gente...**chegô** cum ela... e não pode afirmar se era o esposo dela ou **9.** não, mas vei junto com ela. E tia Eva logo que **chegô** aqui, ela requereu aqui **10.** oito hectari e maia de fala pelo intedente da prefeitura (...?) por oitenta e **11.** cinco mil réis, quando ela vei de Goiás pra cá já tinha divoção cum São **12.** Benedito, porque a gente tem um santinho de **madera,** aí esse santo vei **13.** com ela de Goiás e que hoji, até hoji ele si encontra aí na igrejinha de São **14.** Benedito. (sic)

Parte IV

1. Intão eu quero **dexá** hoji uma **mensagi** nessa fita, essa **mensagi** que tia Eva **2.** passô pra minha bisavó e minha bisavó passo pra minha mãe, para que **3.** amanhã **dipois,** pois quando eu não **tivé,** dê cuntinuidade também a essa **4.** promessa NE!? Porque eu acredito que tia Eva não morreu, ela esta mais **5.** viva de lá de cima também **oiando** por aquelas pessoa que ta **cumprino** **6.** cum sua promessa que foi tão agraciada cum ela, intão a **mensagi** que eu **7. dexo** também, que não só **meus filho,** mas **aqueles descendente** da tia **8.** Eva também que são muitos, hoji, nada nada é aprox(ch)imadamente mais **9.** de **mili pessoa dos descendente** da tia Eva, que ouve essa **mensagi** e dá **10.** essa continuada, **vamu(...?)** enquanto **existi** um sanguinho **dos bisneto** da **11.** tia Eva (sic).

5. ANÁLISE DAS INFLUÊNCIAS AFRICANAS FONÉTICOS- FONOLÓGICOS OBSERVADAS

As palavras destacadas no texto acima apresentam características de influências africanas, faremos a análise de acordo com Aragão (2011):

a) Apócope: É quando a consoante que finaliza a palavra é omitida, assim a palavra termina com uma vogal, ocorre geralmente com as consoantes l e r. Essa característica como vimos no referencial teórico é de origem bantu e ioruba, pois essas duas línguas não possuem palavras que finalizam em consoante (PESSOA DE CASTRO, 2015). Percebemos que essa situação ocorre na fala de Sergio da Silva quando este diz:

- Bom, Eva Maria di Jesus, como nós **tratamo** tia Eva [...] – PARTE I, linha 1.
- [...] intão foi o momento que ela resorveu **fazê** uma promessa para São Benedito [...] PARTE I, linha 7.
- [...] e cumeçô a **fazê** essa festa de São Benedito [...] PARTE I, linha 9.
- [...]em 1994 **realizamo** essa festa. PARTE I, linha 12.
- [...] por isso resorveru **fazê** esse baile [...] PARTE II, linha 9.
- [...] como um sacerdote tanto pra **rezá** terço [...] PARTE III, linha 2.
- [...] na época aqui pra a partera que tinha aqui pra **atendê** a comunidade [...] PARTE III, linha 3.
- [...] ela **terminô** tendo assim uma grande liderança [...] PARTE III, linha 3.
- [...] **vamu** (...?) enquanto **existi** um sanguinho dos bisneto da tia Eva. PARTE IV, linha 10.

b) Síncope do D no grupo ND: Ocorre no encontro consonantal **nd**, como já dissemos, as línguas africanas possuem uma estrutura silábica de consoante-vogal, portanto nas palavras portuguesas que acontece tal encontro, sofre a influência da omissão da consoante **d**. Apontaremos a seguir a fala de Sérgio da Silva que possui essa característica:

- [...] vinda do estado di Goiás com carro de boi e **chegano** aqui exatamente na cidade de Campo Grande [...] PARTE I, linha 2.
- [...] e construiu essa de São Benedito que até hoje esta **saino** essa festa tradicional de São Benedito [...] PARTE I, linha 11.
- [...] dançaru só memo **bateno** Caxote. PARTE II, linha 5.

- [...] es manhecia o dia **dançano**. PARTE II, linha 7.
- [...]nois tamo **dano** continuidade até hoje. PARTE II, linha 9.
- [...]nois tamo **quereno** dar continuidade dessa catira. PARTE II, linha 12.
- [...] intão viviam sempre **procurano** a tia Eva. PARTE III, linha 5.
- [...] aquelas pessoa que ta **cumprino** cum sua promessa. PARTE IV, linha 5.

c) lotização: Fenômeno que ocorre na oralidade quando o lh é substituído por y:

- [...] intão ficava aí amanhecia o dia um **oiano** para a cara do outro. PARTE II, linha 3. Observa-se que a mesma palavra ocorre na PARTE IV, linha 5.

d) Supressão da marca redundante de plural: Não há concordância de número entre o artigo/pronome e o substantivo.

- [...] chegano aqui, exatamente na cidade de Campo Grande em 1905 vei de lá com **três filha**, [...] PARTE I, linha 3.

- [...]Tia Eva chegou aqui em Campo Grande com **suas três filha** e cum um senhor por nome di ti'Adão. PARTE III, linha 6.

- [...]esse ti'Adão vei junto cum ela e cum mais **essas três filha**. [...] PARTE III, linha 7.

- [...] que não só **meus filho**, mas **aqueles descendente** da tia Eva [...] PARTE IV, l. 7.

- [...] enquanto existi um sanguinho **dos bisneto** da tia Eva. PARTE IV, linha 10.

e) Perda da nasalização final: O fonema final M é omitido na linguagem oral, sendo que a terminação da palavra com essa consoante é abreviada em vogal apenas. Como veremos a seguir:

- [...] cara do outro e intão que **resorveru fazê** baile NE!? [...] PARTE II, linha 4.

- [...] Aonde ela conta que teve um ano que num **arrumaru** instrumento e **dançaru** só memo bateno caxote [...] PARTE II, linha 5.

- [...] intão por isso **resorveru** fazê esse baile [...] PARTE II, linha 9.

- [...] Intão eu quero **dexá** hoji uma **mensagi** nessa fita [...] PARTE IV. Linha 1.

f) Rotacismo: É o fenômeno que ocorre a troca do fonema l pelo r na modalidade oral é muito frequente, porém não aceita na modalidade escrita por se tratar de uma linguagem formal regida pela gramática normativa, como estamos tratando aqui da fala, apontaremos as frases que ocorrem rotacismo na fala que é nosso objeto de estudo.

- [...]intão foi o momento que ela **resorveu** fazê uma promessa para São Benedito. PARTE I, linha 7.

- [...] vinha queelas pessoa de longe **sortava** boi no pasto [...] PARTE II, linha 7.

g) Aférese: No fenômeno aférese ocorre a supressão de um elemento fonético inicial de uma palavra como citada por Aragão (2011) estava – tava, na fala do descendente de ex-escrava Tia Eva encontramos:

- [...] esse baile que nois **tamo** dano continuidade até hoje [...] PARTE I, linha 9.

- [...] pois quando eu não **tive**. [...] PARTE IV, linha 3.

h) Monotongação: Redução de duas vogais em uma como percebemos na oralidade do povo brasileiro aqui representado por Sérgio da Silva.

- [...] intão ela fez uma igrejinha de **madera** em 1912 [...] PARTE I, linha 8.

- [...] dançaru só memo bateno **caxote**, batia uma hora (?) outra hora mais outro **caxote** [...] PARTE II, linha 6.

- [...] era ela cumo também na época aqui pra a **partera** [...] PARTE III, linha 2.

- [...] Intão eu quero **dexá** hoji uma mensagi nessa fita [...] PARTE IV, linha 1.

i) Ditongação: - [...] tia Eva, chego aqui em Campo Grande em 1905 vinda do estado di Goiás com carro de boi e **chegano** aqui exatamente na cidade de Campo Grande em 1905 vei de lá com **trêis filha** [...] PARTE I, linha 3. “ trêis” [‘tRejs]. O mesmo ocorre na PARTE III, linhas 3 e 4.

Pode-se perceber de forma nítida na fala do Sérgio da Silva, algumas das principais influências fonético-fonológicas das línguas africanas no Português do descendente de tia Eva. Vale destacar que essas influências não se restringem somente a afrodescendente, mas como sabemos está presente na linguagem coloquial, na oralidade do Português do Brasil, difundido ao longo de todo país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contrário do que algumas pessoas pensam ou até mesmo ignoram, o povo africano exerceu influência na cultura brasileira muito além da culinária e religião, influenciou também a nossa língua principalmente na oralidade, como podemos observar na análise feita na fala de um descendente de ex-escrava Tia Eva. Não seria possível a língua negra não contribuir com o português brasileiro diante de três séculos de escravidão onde a maioria da população era africana ou mestiça.

Após fazermos os levantamentos das línguas africanas, povos e de que regiões vieram, de acordo com os estudiosos citados podemos chegar aos fenômenos fonético-fonológicos que ocorrem no português brasileiro e identificar algumas das influências africanas ou contribuições que a nossa língua Português Brasileiro recebeu. Apontamos neste estudo apócope, a síncope, a monotongação, a ditongação, a aférese, perda da nasalização final, o rotacismo, a supressão da marca redundante de plural e a iotização, apontando na fala de um bisneto de ex-escrava, que no caso foi o nosso objeto de estudo os aportes da língua africana.

Essas características apontadas ressaltam o nosso modo de falar, como disse Pessoa de Castro (2015) e isto ocorre graças a vogais estarem presentes na língua Bantu, assim como utilizar um prefixo para determinar o plural, que no nosso português resultou na supressão do plural onde só o artigo declina como, por exemplo: as criança, as planta e etc.

É necessário destacar que as influências africanas que tratamos no presente artigo, podemos percebê-las na fala do povo brasileiro na sua maioria, algumas das características tratadas são encontradas principalmente nas classes sociais mais baixas, com pouca ou nenhuma escolaridade e zonas rurais. Assim, essas influências fonético-fonológicas variam de acordo com o meio social e cultural. A

origem negra/ escrava de tais influências faz com que seja considerado em uma perspectiva hierarquizante de fundo racista, como falares de menor prestígio e, portanto carregadas de preconceito linguístico. (BAGNO, 1999).

Desse modo, concluímos que as línguas africanas contribuíram e muito para o português brasileiro que temos hoje, tanto na fonética/fonologia quanto na maneira de falar cantado além dos léxicos como a palavra caçula, molambo entre outras, assim como deixaram suas marcas na cultura brasileira, na culinária, religião e folclore.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Africanismos no português do Brasil*. Revista de Letras. Vol. 30, 1/4, jan. 2010/dez. 2011, p. 7-16.

AURÉLIO. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Objetivo, 2004.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. 15ª Ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1976.

HOUAISS. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. Brasília: FUNAG, 2012.

MORAES, Vanda. *Tia Eva, Negra Eva: História da Comunidade de São Benedito*. Campo Grande: Diogo Gráfica e Editora, 2003.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. *Das Línguas Africanas ao Português Brasileiro*. Afro-Ásia, Salvador, CEAO (14), 1983. p. 81-103.

_____. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks Editora. 2001.

_____. *A influência das línguas africanas no Português Brasileiro*. Disponível em <http://www.portal.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas.pdf>. acessado em 12/04/2017.

_____. *“A língua Portuguesa que falamos é culturalmente negra”*. Geledés: Instituto da Mulher Negra. Disponível em

<https://www.geledes.org.br/a-lingua-Portuguêsa-que-falamos-e-culturalmente-negra/>.
2015. Acessado em 12/12/2017.

SANTOS, Carlos Alexandre B. Plínio dos. *Eva Maria de Jesus (tia Eva): Memórias de uma comunidade negra*. Anuário Antropológico (online) I/2012 disponível em:
URL: [HTTP//AA.revues.org/317](http://AA.revues.org/317). Acessado em 18/09/2017.